

Turismo y Responsabilidad Social

Edición Especial

ISSN: 2183-0800

www.isce-turismo.com



Volume 8 | Número 2 | Maio 2017
Volume 8 | Number 2 | May 2017
Volumen 8 | Número 2 | Mayo 2017



UNIVERSIDAD DE GUANAJUATO



Patrocinadores:



International Student Identity Card



PATRIMÔNIO IMATERIAL E SUAS POSSÍVEIS RELAÇÕES COM O TURISMO: UM ESTUDO SOBRE O GRUPO CULTURAL BOI FLOR DO LÍRIO DE PARNAÍBA, PIAUÍ, BRASIL

Heidi Gracielle Kanitz

Universidade Federal do Piauí/CMRV-Parnaíba, Brasil

Thamires do Nascimento Sousa

Universidade Federal do Piauí, Parnaíba/PI, Brasil

Kanitz, H. G. & Sousa, T. do N. (2017). Patrimônio imaterial e suas possíveis relações com o turismo: Um estudo sobre o grupo cultural Boi Flor do Lírio de Parnaíba, Piauí, Brasil. *Tourism and Hospitality International Journal*, 8(2), 68-92.

Resumo

O bumba-meu-boi é uma festa de cunho artístico e cultural que se apresenta em todo Brasil, revelando assim diversificadas características da cultura popular. Considerado como patrimônio imaterial reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, compõe a identidade de um povo. O objeto de estudo neste artigo trata-se do grupo folclórico de bumba-meu-boi “Boi Flor do Lírio”, do bairro São José, da cidade de Parnaíba, Estado do Piauí. Tem como objetivo descrever o histórico do grupo cultural Flor do Lírio, identificando as atividades realizadas pelo grupo e apontando as dificuldades que permeiam a manutenção dessa manifestação popular, ao tempo em que se reflete o potencial do bumba-meu-boi como um atrativo turístico. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, bibliográfica, documental e descritiva. Dentre os principais resultados, tem-se que o grupo compreende o bumba-meu-boi como sua identidade cultural, dando ênfase à importância da manutenção das atividades a fim de transmiti-las às futuras gerações. Reconhece também a importância do turismo como um vetor para a divulgação do grupo e auxílio na preservação da memória.

Palavras-chave

Parnaíba, Patrimônio imaterial, Identidade, Bumba-Meu-Boi, Turismo

Abstract

The Bumba-meu-boi is an artistic and cultural party that presents in all the Brazil, thus revealing different characteristics of popular culture. Regarded as intangible heritage recognized by the Institute of Historical and Artistic Heritage, is part of the identity of a people. The object of study in this article it is the folkloric group of Bumba-meu-boi "Boi Flor do Lírio", in the city of Parnaíba, State of Piauí. Seeks to describe the history of the event in Brazil, especially the group in question, presenting their activities and for tourism use possibilities. This is a qualitative research, bibliographical, documentary and descriptive. Among the main results, it follows that the group comprises the Bumba-meu-boi as their cultural identity, emphasizing the importance of maintaining the activities in order to transmit them to future generations. It also recognizes the importance of tourism as a vector for the dissemination of the group and aid in preserving memory.

Keywords

Parnaíba, Intangible heritage, Identity, Bumba-Meu-Boi, Tourism

Introdução

O bumba-meu-boi é uma festa de cunho artístico e cultural que se apresenta em todo Brasil, revelando assim diversificadas características da cultura popular. Falar dessa manifestação é perceber que seu ciclo anual desenvolve aspectos que vão além da exposição da dança e das festividades que dão forma a sua apresentação, essa festa tem em suas raízes um marcante tradicionalismo onde a presença dos familiares é bastante identificada pela atuação na própria brincadeira, e que acaba sendo passada para as gerações futuras.

Constatam-se ainda as várias faces que o “bumba-meu-boi” apresenta, nos diferentes estados e regiões, incorrendo em uma apropriação que muitos fazem desse boi, nomeando e caracterizando de maneira diferente e por isso reclamando para si a propriedade dele. Um exemplo seria o nome pelo qual são conhecidas: no Piauí, Maranhão e Alagoas a festa é chamada de bumba-meu-boi; no Pará e Amazonas de boi-bumbá ou pavulagem; em Pernambuco é boi-calemba ou Bumba, no Ceará é denominada de boi de reis.

Esta diferenciação entre nomes e características implica no fato de que acabam por transmitir ao boi aspectos de sua identidade cultural que “... costura o sujeito a estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundo culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis.” (Hall, 2006, p.12).

Dessa maneira, pode-se dizer que o bumba-meu-boi, o boi-bumbá ou boi surubi, é uma festa que faz parte do folclore brasileiro e representa a cultura popular, que absorve diferentes visões estéticas e até ideológicas dos artistas que participam e fazem-na acontecer, isso por estarem envolvidos num processo de relações sociais e culturais que acabam por transmitir as características culturais dos estados que os produzem, enriquecendo, assim, essa manifestação artística.

A festa do bumba-meu-boi adquire várias feições com decorrer de sua trajetória, nas diferentes partes do Brasil. São muitas as representações feitas do boi, as quais apontam peculiaridades que enaltecem e caracterizam essa manifestação, carregando consigo alguns aspectos da identidade da região em que ocorrem.

O objeto de estudo neste artigo trata-se do grupo folclórico de bumba-meu-boi ‘Boi Flor do Lírio’, do bairro São José, da cidade de Parnaíba, Estado do Piauí. Levando em consideração aspectos sobre cultura e identidade cultural, surge o interesse em investigar como as famílias e os participantes dessa manifestação cultural conseguem manter esta tradição ao longo dos anos. Portanto, faz-se necessário descrever o histórico do grupo cultural Flor do Lírio, identificando as atividades realizadas pelo grupo e apontando as dificuldades que permeiam a manutenção dessa manifestação popular, ao tempo em que se reflete o potencial do bumba-meu-boi como um atrativo turístico.

Considerando-se que as festas e celebrações populares atraem diversos públicos, dentre eles os turistas, torna-se importante refletir sobre a atividade turística e as possibilidades de inclusão do bumba-meu-boi nos roteiros que existem ou possam vir a ser desenvolvidos na localidade, posto que a cidade de Parnaíba encontra-se inserida em

um dos roteiros integrados de destaque no Brasil, a Rota das Emoções¹, tendo como principal segmento o turismo de sol e praia. Apesar deste segmento ser prioritário na roteirização e formulação de políticas públicas, o processo de implantação do turismo cultural começa a ser debatido, ainda que timidamente, por entes públicos e privados a fim de aumentar a competitividade do destino turístico no mercado.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa (Kauark et al, 2010) construída com base em pesquisas bibliográficas e documentais acerca dos conceitos de patrimônio, cultura e identidade, bem como sobre as origens do bumba-meu-boi. Com relação aos objetivos, caracteriza-se como exploratória e descritiva (Gil, 2008; Lakatos & Marconi, 2003), ancorada em um estudo de caso sobre o Boi Flor do Lírio. Do universo da pesquisa, buscou-se entrevistar o Coordenador do grupo e parte dos brincantes, totalizando 26 respondentes de um universo de 144 componentes. Foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas para obtenção de dados acerca do histórico do grupo Flor do Lírio, suas atividades realizadas, identificar as dificuldades encontradas pelo grupo para desenvolvê-las, bem como para refletir sobre o potencial do grupo como atrativo turístico. A análise dos dados foi feita à luz da análise de conteúdo (Bardin, 1977), permitindo o agrupamento dos resultados em categorias de análise que correspondem aos objetivos acima descritos, as quais são apresentadas no decorrer deste artigo.

Sobre Cultura, Patrimônio e Identidade

Cultura ao mesmo tempo em que diz respeito à humanidade como um todo, também se trata especificamente de cada um dos grupos, comunidades, sociedades e nações. Quando se consideram as culturas peculiares inerentes de cada grupo, logo podem ser constatadas as suas variações. Cada realidade cultural tem sua distinção natural, a qual deve ser conhecida para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam.

De acordo com Silva e Silva (2006), o conceito de cultura é um dos principais nas ciências humanas, a ponto de a Antropologia se constituir como ciência quase somente em torno desse conceito. Na verdade, os antropólogos, desde o século XIX, procuram definir os limites de sua ciência por meio da definição de cultura. O resultado é que os conceitos de cultura são múltiplos e, às vezes, contraditórios. O significado mais simples desse termo afirma que cultura abrange todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo. Ou seja, em outras palavras, cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideais e crenças.

Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica. Essa definição foi criada por Tylor no século XIX e

¹ A Rota das Emoções é um roteiro integrado que envolve 14 municípios dos estados do Maranhão, Piauí e Ceará e é constituída por uma área de 10.477 km². Informações disponíveis em: <http://turismo.gov.br>

apesar de sua atualidade, gerações e gerações de antropólogos procuraram aprofundá-la para melhor compreender o comportamento social (Silva & Silva, 2006).

Sendo assim, Santos (2005) fala que a cultura está muito associada a estudo, educação, formação escolar. Por vezes se fala de cultura para se referir unicamente às manifestações artísticas, como o teatro, a música, a pintura, a escultura. Outras vezes, ao se falar na cultura da nossa época ela é quase que identificada com os meios de comunicação de massa, tais como o rádio, o cinema, a televisão. Ou então cultura diz respeito às festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, ou a seu modo de se vestir, à sua comida, a seu idioma.

A lista pode ser ampliada. Entre os pensadores, um dos mais influentes foi Franz Boas, que no começo do século XX iniciou uma crítica sistemática às teorias até então vigentes que defendiam a existência de uma hierarquia entre culturas. Tais teorias, chamadas evolucionistas pela influência da obra de Charles Darwin, defendiam que todas as culturas passavam pelas mesmas etapas, ou estágios, durante sua existência, evoluindo, progredindo das mais primitivas para as mais avançadas ao longo do tempo, sendo que o estágio mais avançado da humanidade era o atingido pelo Ocidente, visão que dava ao etnocentrismo status de ciência (Silva & Silva, 2006).

Dentro dessa linha, os autores supracitados ainda falam que Boas, por sua vez, foi um dos pioneiros em criticar essa visão, afirmando que toda cultura tem uma história própria, que se desenvolve de forma particular e não pode ser julgada a partir da história de outras culturas. Assim, Boas usou, já no início do século XX, a História para explicar a diversidade cultural, a grande diferença de culturas na humanidade, fazendo pela primeira vez uma aproximação entre História e Antropologia até hoje bastante utilizada.

A definição de cultura como o conjunto de realizações humanas, materiais ou imateriais leva a caracterizá-la como um fundamento básico da História, que por sua vez pode ser definida como o estudo das realizações humanas ao longo do tempo. Tal percepção, no entanto, só se desenvolveu plenamente com a Nova História, na segunda metade do século XX, como sugere ainda Silva e Silva (2006).

Segundo Meneses (2006), a noção do que seja patrimônio cultural revigorou e continua viva em discussão desde que essa nova concepção de cultura vige, mas também é herdeira de forma de pensar a História e de construir as interpretações históricas que sofreram um radical e revitalizante mudança a partir do final do século XIX e, principalmente, no decorrer da formação e evolução do grupo de historiadores franceses ligados a Escola dos Annales. A concepção de fazer histórico mudou e com ela a ideia de herança cultural e, sobretudo, de interpretação das culturas passadas.

Na opinião de Dias (2006, p.14):

a cultura como componente importante do conceito de patrimônio cultural, pode ser definida de inúmeras maneiras, e em termos bem genéricos, deve ser entendida como tudo aquilo que foi criado pela humanidade ao longo de sua existência, tanto do ponto de vista material quanto não material. Assim, pertence à cultura bens tangíveis e intangíveis que representam valores materiais produzidos pela ação humana.

O autor também ressalta que “ao patrimônio está associado um conjunto de valores, como beleza, antiguidade, identidade, entre outros, os quais foram agregados nos últimos séculos” (Idem). Assim, para Neves (2003, p.1), no conceito amplo de patrimônio cultural estão presentes “as esferas da natureza, o meio ambiente natural onde o homem habita e transforma para sobreviver e realizar suas necessidades materiais e simbólicas, o conhecimento, as habilidades o saber fazer humano, necessário para a construção da existência em toda sua plenitude, e os chamados bens culturais propriamente ditos, que são os produtos resultantes da ação do homem na natureza.”

Geralmente quando se trata de patrimônio, tem-se a tendência de associá-lo somente ao patrimônio material, ligado a riqueza, que são herdados ou que possuem algum valor afetivo. Porém, patrimônio não se limita apenas sentido de herança. Refere-se também, aos bens produzidos por nossos antepassados, que resultam em experiências e memórias, coletivas ou individuais. Tal herança cultural adquirida pode fornecer informações significativas acerca da história de um país e do passado da sociedade e acabam por contribuir na formação da identidade desse país, como também na formação de grupos, no resgate a memória, desencadeando assim uma ligação entre o cidadão e suas raízes. Em vista disso, sua preservação torna-se fundamental no que diz respeito ao desenvolvimento cultural de um povo, uma vez que reflete em sua formação sociocultural.

Preservá-lo então, pode ser uma medida eficaz para garantir que a sociedade tenha a oportunidade de conhecer sua própria história e de outros, por meio do patrimônio material, imaterial, arquitetônico ou edificado, arqueológico, artístico, religioso e da humanidade.

Os bens culturais que constituem o patrimônio cultural podem ser divididos em dois grupos: material e imaterial. O patrimônio cultural material que está constituído por construções antigas, ferramentas, objetos pessoais, vestimentas, museus, cidades históricas, patrimônio arqueológico, monumentos, documentos, instrumentos musicais e outros objetos que apresentem a capacidade de adaptação do ser humano o seu meio ambiente e a forma de organização da vida social, política e cultural.

O patrimônio cultural imaterial é formado por todos aqueles conhecimentos transmitidos, como as tradições orais, a língua, as danças, as crenças, os costumes, o conhecimento, a herança histórica, a medicina tradicional, etc. Os bens componentes do patrimônio cultural fazem com que as sociedades venham a compreender seus fundamentos, sua história e sua relação com tudo aquilo que vieram a ser o princípio dos seus modos de vida.

A UNESCO define como patrimônio imaterial “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – juntamente com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.” O patrimônio imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu ambiente, de sua interação com a natureza e sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade,

contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Assim, Bolle (2003) aponta que no conceito amplo de patrimônio cultural estão presentes as esferas da natureza, o meio ambiente natural onde o homem habita e transforma para sobreviver e realizar suas necessidades materiais e simbólicas, o conhecimento, as habilidades, o saber fazer humano, necessário para a construção da existência em toda sua plenitude, e os chamados bens culturais propriamente ditos, que são os produtos resultantes da ação do homem na natureza.

Diante do exposto, pode-se dizer que patrimônio cultural são todos os traços que venham a deixar marcas dentro de um grupo ao longo dos anos, onde os indivíduos usam dessas características para encontrar-se dentro da sociedade e trazem para si comportamentos únicos e peculiares. É, portanto, o elemento mais importante da identidade de um grupo social.

Sobre a importância da identidade de um povo, sabe-se que as identidades individuais e sociais são relevantes para a construção de relações de vínculos que justifiquem a construção de grupos e que permitam interação e reconhecimento social.

A identidade é fundamental para a legitimação de um grupo, mas para isso algo deve nortear essa identidade, ou seja, deve haver pontos ou características em comum que façam com que os indivíduos interajam espontaneamente. Sem pontos em comum, a identidade não consegue ser constituída e legitimada. A formação de identidade faz com que o indivíduo se sinta participante da cultura em que está inserido. Desta forma, para as diferentes percepções culturais, é necessária a construção de diversos significados simbólicos identitários. Porém, esses significados tornam-se confusos diante do enfraquecimento das fronteiras espaciais provocadas pela globalização.

Para Canclini (1999), a teoria da cultura, além da questão da identidade, também tem uma correlação com a formação da ideologia, quando se relacionam os processos culturais com as condições sociais de produção; porém, a cultura vai além da teoria ideológica, por não restringir as motivações aos interesses de classe.

Nesse sentido, toda produção cultural é explicada pelas relações sociais, em que há representação das estruturações sociais e seu redesenho contínuo. Dessa forma, percebe-se que junto com a dissipação da cultura entre os indivíduos de um grupo vem ligado proporcionalmente, aspectos como doutrinas, pensamentos ou um conjunto de ideias que são orientados pelas suas ações sociais.

Assim, Batista (2004, citado por Santos, 2005, p.30) define o termo identidade cultural da seguinte maneira:

A definição da própria identidade cultural implica em distinguir os princípios, os valores e os traços que a marcam, não apenas em relação a si própria, mas frente a outras culturas, povos ou comunidades. Memória e identidade estão interligados, desse cruzamento, múltiplas pelas possibilidades poderão se abrir ora produção de imaginário histórico-cultural.

Desse modo, entende-se como identidade cultural um aspecto que une os indivíduos dentro de um grupo através de suas crenças, estilos de vida e comportamentos em comum, como acontece, por exemplo, entre os povos de uma nação.

Dentro do aspecto em relação a construção de identidade, Hall (2006, p.106) expressa que “na linguagem do senso comum, a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal.”.

Diante do exposto, pode-se compreender que a identidade é formada pela apropriação que os indivíduos têm dos seus valores e compartilhando dos mesmos. Também pode-se notar que a memória torna-se estreitamente ligada a identidade, pois são guardadas as características ao longo dos anos e assim moldando a cultura predeterminada a aqueles seres dentro do seu âmbito social.

Pedroso (1999) afirma que, “um povo que não tem raízes acaba se perdendo no meio da multidão. São exatamente nossas raízes culturais, familiares, sociais, que nos distinguem dos demais e nos dão uma identidade de povo, nação”. Através de tal definição, a importância de se conhecer as raízes culturais é fundamental na construção da identidade também trazendo para o ser a capacidade de localização e interação com a sua cultura e com as outras.

A identidade transmite-se e reforça-se através da memória, quer individual, quer coletiva. Ora o patrimônio cultural, por meio dos testemunhos que o integram, constitui alicerce fundamental da memória. A sua fácil observação – pois grande parte dele encontra-se à nossa volta e faz parte da civilização material e do próprio cotidiano – e as recordações que invoca transformam-no num elemento que poderíamos classificar como que estruturante da própria identidade.

Assim, a identidade de uma comunidade é definida não só pelos eventos com ela relacionados, como também pelas atividades nela exercidas, pelo contato com outras comunidades, pelo viver das populações, por sua gastronomia e vestuário, por suas festas populares e pela ação dos seus membros, incluindo a elite.

A fim de melhor fundamentar as questões discutidas sobre identidade e cultura, faz-se necessária uma reflexão acerca da memória. Dentro desta perspectiva, o resgate da memória surge como fator primordial para a formação de um grupo étnico e cultural. Mas para isso é necessário reconhecer que os aspectos da memória são resgatados através da busca da particularidade do indivíduo.

Para Batista (2005), a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade, de coerência, de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

É um elemento duplamente presente em uma pessoa, pelo fato de que a mesma pode ter lembrança de tal fato ao decorrer de sua trajetória ao mesmo tempo em que possa vir a ser um acontecimento histórico dentro de sua nação, sociedade ou grupo, em que todos os seres presentes também têm em sua memória os fatos ocorridos. Segundo Wehling (2003, p.13), a memória do grupo “sendo a marca ou sinal de sua cultura, possui algumas evidências bastante concretas. A primeira e mais penetrante dessas finalidades é a da própria identidade. A memória do grupo baseia-se essencialmente na afirmação de sua identidade”.

Nessa perspectiva, a relação entre memória e identidade são mútuas, os fatos históricos presentes na memória são base de sustentação para a identidade, a fim de reconhecer as características presentes no grupo. A memória não pode ser entendida como apenas um ato de busca de informações do passado, tendo em vista a reconstituição deste passado. Ela deve ser entendida como um processo dinâmico da própria memorização, o que estará ligado à questão de identidade (Santos, 2005).

Para Mendes (2009), vinculando a idéia de memória com o patrimônio, percebe-se que ambos estão inter-relacionados, uma vez que ao serem acionados, aludem às reminiscências que conferem aos grupos sociais o sentido de pertencimento a uma determinada cultura e sociedade. Nas palavras de Le Goff (1996, p. 476) “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”. A memória como suporte de informações e salvaguarda de determinadas lembranças, fatos e acontecimentos, permite aos sujeitos situarem-se em um dado contexto histórico e social, reelaborando-o num mecanismo incessante presidido pela dialética da lembrança e do esquecimento.

Bumba-Meu-Boi: Um Retrospecto Histórico e sua Diferenciação no Brasil

Os registros mais antigos retratando a estreita relação do homem com a família dos bovídeos remontam à Pré-história. Do Paleolítico, no interior da gruta de Lascaux, na França, foram encontrados desenhos de bizontes e cavalos, entre outros animais desse período, que sugerem a proximidade do homem com essas espécies. Do mesmo modo, em período posterior, na Idade do Bronze, gravuras rupestres mostram os bovinos como animais de tiro (Sousa, 1958).

Seguindo uma perspectiva histórica, na Antigüidade Oriental e Clássica há referências à relação da espécie ‘BosTaurus’ com os egípcios, assírios, hindus, gregos e romanos. Nesses casos, uma avaliação mais cuidadosa da relação homem/animal aponta para um universo no qual as representações simbólicas ganham grande importância. O culto ao Boi Ápis, no Egito, é bastante exemplar, tido como animal sagrado para aquele povo.

A civilização oriental indiana e as civilizações ocidentais da Grécia e de Roma atestam a importância simbólica do boi. Na Índia, o boi é considerado o primeiro animal criado pelos deuses e os antigos povos gregos e romanos vinculavam a espécie ‘BosTaurus’ às divindades, seja como parte de sua mitologia, seja como animal de sacrifício.

A acentuada presença do touro/boi na mitologia greco-romana justifica os rituais em que esses povos sacrificavam touros aos deuses Zeus/Júpiter e Ares/Marte; e bois às deusas Atena/Minerva e Artemis/Diana. O animal sacrificado a Zeus/Júpiter tinha a peculiaridade de ser branco com os cornos dourados. Em Atenas, durante as Panatenéias, as tribos da Ática “imolavam um boi cuja carne era em seguida distribuída ao povo pelos sacrificadores”. (Commelin, 2011, p.39).

Os exemplos do valor atribuído à espécie se multiplicam pelo mundo. Nas nações modernas, a relação com o boi, antes totêmica, mística, sagrada, ganha nova configuração por agregar aos elementos da religiosidade um sentido festivo. Esse movimento de afastamento da motivação primeira dos rituais ligados ao ‘BosTaurus’ não os destituiu totalmente de seu significado, mas apenas tornou mais complexa essa relação.

Nos estados modernos europeus, de algum modo as celebrações ao boi sobreviveram, sobretudo entre os povos de origem latina, com as festividades do *BoeufGras*, na França; e os touros fingidos, na Espanha e em Portugal. O culto ao boi pode ser identificado de duas formas com dissemelhanças muito sutis: culto ao animal vivo, objeto de adoração, considerado a própria divindade, ainda que por meio de incorporação; e culto ao animal metaforicamente associado às divindades, que, simbolizando o deus, é sacrificado numa espécie de teofagia ritual - comunhão sagrada com o deus que transfere sua força e poder àqueles que participam do ritual.

As diversificadas maneiras de celebrar o boi, identificadas em várias partes do mundo, atestam ter esse animal papel preponderante nas representações socioculturais de povos do Mundo Antigo. É possível que, a partir de seu caráter utilitário - boi trabalho/boi alimento/boi fertilizante/boi reprodutor, esse animal tenha sido elevado, por um processo de atribuição de valores simbólicos, ao status de ícone sagrado - boi totem/boi mito/boi divindade. Num terceiro momento, enriquecido com elementos profanos, o boi ganhou um caráter festivo, sem renúncia de seu caráter religioso, tornando-se o boi celebração (Iphan, 2011).

Localizar no tempo a gênese das manifestações culturais ligadas às brincadeiras que têm o boi como centro gravitacional no Brasil não é tarefa fácil. Muitos autores se lançaram nessa tão complexa aventura sem que se tenha chegado a um consenso sobre a origem, o período e os atores responsáveis pela chegada das festas do boi em terras brasileiras. Discutiram sobre a temática vários folcloristas, etnólogos e antropólogos (Iphan, 2011).

Na segunda metade do Século XIX surgiram as primeiras preocupações em identificar a origem das expressões culturais populares com Celso de Magalhães e Silvio Romero, que afirmavam ser de procedência portuguesa o repertório narrativo brasileiro. Essas reflexões tangem diretamente o bumba-meu-boi, considerado como uma dessas formas narrativas. Na contramão desses autores, Nina Rodrigues, precursor dos estudos de negros no Brasil, sustenta serem povos totêmicos os africanos trazidos para cá e, apoiado nessa tese, afirma serem as festas populares e o folclore sobrevivências totêmicas do velho continente, destacando os povos bantus e sudaneses como representantes dessa prática. Do Século XIX também datam os primeiros registros sobre o folguedo no Brasil, publicados em periódicos do Maranhão, Pernambuco e Pará.

No Século XX, a busca das raízes do bumba-meu-boi ganha destaque no meio intelectual com o amadurecimento das discussões no bojo da tentativa de criação e consolidação de um campo teórico sobre os estudos de folclore no Brasil. No período compreendido entre as décadas de 30 e 50, proliferaram as versões acerca da forma

como o bumba-meu-boi surgiu no Brasil, considerando as origens ibérica, africana e autóctone.

Da primeira hipótese, o principal defensor foi Mário de Andrade para quem o bumba-meu-boi é procedente de Portugal e que, assim como a poesia popular e os demais autos e danças dramáticas, da forma como se apresentam no Brasil, “foram constituídos integralmente aqui (...), ordenados semi-eruditamente nos fins do XVIII, ou princípios do século seguinte”. (Andrade citado por Cascudo, 1984, p.41). Mário de Andrade destaca, ainda, o caráter de revista do bumba-meu-boi com a constante dramatização da morte e ressurreição do boi em episódios recriados a cada ciclo. (Andrade citado por Leite, 2003, p.130-131).

Os pensadores Renato de Almeida e Câmara Cascudo entendiam que o bumba-meu-boi é uma fusão de elementos de origem portuguesa e nativos e/ou indígenas. Renato de Almeida defende que as danças dramáticas brasileiras têm raízes lusitanas e foram reinventadas no Brasil com a combinação de aspectos das culturas dos indígenas e dos negros e Câmara Cascudo sugere que tudo começou com o boi de canastra português: “(...) A movimentação ginástica do boi-de-canastra trouxe o vaqueiro e o auto se criou pela aglutinação incessante de outros bailados de menor densidade na apreciação coletiva”. (Cascudo, 1984, p.195). O folclorista informa, ainda, que nesse processo de reinvenção no Brasil, convergiram para o auto, personagens do cotidiano do meio pastoril - gente comum do mundo rural, figuras fantasmagóricas que habitam o imaginário popular e animais.

No período compreendido entre 1920 e 1940 o negro passou a ser objeto de investigação científica como expressão de cultura. Nesse contexto, Arthur Ramos surge como o mais legítimo autor identificado com essa fase de estudos sobre o negro, que reconhece a contribuição desse povo para a cultura brasileira “como um elemento construtor de nossa nacionalidade” (Pereira, 1981, p.196). Alinhado a essa tendência de explicação da realidade cultural brasileira, o autor transpôs para os estudos do folclore essa linha de pensamento, considerando a África como o berço do bumba-meu-boi.

Arthur Ramos, seguindo os passos de Nina Rodrigues, explica o surgimento do bumba-meu-boi a partir do totemismo bantu. Busca legitimar sua teoria apresentando o costume bantu de realizar festas totêmicas e relaciona essa tradição cultural com as festas para o boi no Brasil, para ele, inventadas por escravos dessa etnia traficados para a colônia portuguesa na América e que já praticavam o totemismo no continente africano. Ramos enfatiza que entre os bantus, por ele categorizados como povo primitivo, o boi é o “animal totêmico por excelência”, sendo o auto popular do bumba-meu-boi a mais representativa sobrevivência totêmica no Brasil, mesclada com elementos indígenas, porém de indiscutível origem afro bantu.

Para Amadeu Amaral, está no Brasil as raízes do bumba-meu-boi, que, sendo essencialmente popular e masculino, foi criado por “escravos e pessoas pobres, agregados dos engenhos e fazendas, trabalhadores rurais e de rudes ofícios nas cidades, sem participação feminina (...)”. (Amaral citado por Cascudo, 1984, p.195).

No entanto, ainda que os pensadores do folclore e da cultura popular não tenham localizado a gênese das danças do boi no Brasil, as variadas tentativas de explicar o seu surgimento são fonte inesgotável de hipóteses que enriquecem consideravelmente as discussões acerca dessa expressão da cultura popular brasileira. A busca das origens do bumba-meu-boi e de outras manifestações culturais teve destaque na construção do pensamento social brasileiro, entretanto, a noção de consenso jamais esteve presente nessas interpretações. A origem, contemporaneamente, passou a ser recriada e, mesmo que não seja remontada historicamente é atualizada em práticas seculares.

Não existem pesquisas convincentes que afirmem que o bumba-meu-boi tenha se originado no Nordeste do Brasil, entretanto é uma realidade na literatura pertinente à temática fazer-se alusão ao espaço nordestino como berço dessa manifestação cultural. Há os que defendem, como Pereira da Costa (1974), que o bumba-meu-boi tenha surgido da colonização das terras do que é hoje o Estado do Piauí, através das primeiras doações de sesmarias feitas pelo Governador de Pernambuco. Para ele, a modinha que se reproduz a seguir seria um indicativo a esse respeito: “O meu boi morreu/que será de mim/manda buscar outro maninha/Lá no Piauí”. Para Pereira da Costa (1974, p.46), “seja como for, o que não resta dúvida é que o bumba-meu-boi é uma rapsódia do Norte, e puramente brasileira, sem afinidade de imitações estranhas”.

Embora ocorra de Norte a Sul, cada festa do bumba-meu-boi é única, com significados próprios para aqueles que a fazem ou a ela se relacionam. No Piauí não é diferente, há nuances e variantes, mesmo tendo certo enredo que se repete na teatralização da festa.

Interessante a abordagem dada por Pedrazani (2010) ao suscitar reflexões acerca da colonização da região Nordeste e sua correlação com os personagens e enredo do bumba-meu-boi. A autora pensa o Nordeste brasileiro “como espaço/lugar resultado das experiências dos sujeitos variados que foram assimiladas e reelaboradas ao longo do tempo.” (Pedrazani, 2010, p.88). Dentro dessas experiências está a festa do bumba-meu-boi e todo o seu universo de significações.

A região Nordeste, à época da colonização portuguesa, possuía clima e terra propícios para o desenvolvimento do plantio da cana-de-açúcar e o que dela se extraía. Em pouco tempo os “engenhos de açúcar” se espalhavam por boa parte do litoral nordestino, configurando-se como a principal unidade econômica e social da colonização portuguesa nos séculos XVI e XVII, posto que seu núcleo era composto não só pelas instalações onde se produzia o açúcar mas também por lavouras, a casa-grande, a capela e a senzala. Além dos engenhos, outras unidades produtoras se assentaram na região, como as fazendas de gado, que iniciaram suas atividades e cresceram em proporção e tamanho de acordo com as demandas da colônia. Assim, a civilização do açúcar coexistiu com a civilização do gado e do couro.

As culturas portuguesa, africana e indígena coexistiam e caracterizavam as dinâmicas econômicas e sociais da época e o amálgama dessas três populações e suas culturas criaram hábitos e costumes *sui generis*, que marcaram a forma de ser da população nordestina e boa parte de suas manifestações culturais. Compreender tais características

faz-se necessário para entender a festa do bumba-meu-boi, pois ela toma de empréstimo inúmeros elementos do universo agrário colonial.

Pôrto (1975, p.139) define que tudo o que diz respeito à história do Piauí está indissoluvelmente ligado a pecuária. O comércio do gado orientou os movimentos administrativos dos governos, impondo-lhes uma política econômica toda baseada no comércio da carne e do couro do boi. Foi a chamada ‘civilização do couro’, que evoca brilhante fase da estrutura econômica do Estado. O boi do Piauí consolidara-se no mercado nacional, incorporando-se ao folclore e recebendo homenagens de escritores e poetas.

Bumba-meu-boi é o termo genérico pelo qual é conhecida essa manifestação popular que tem o boi como principal componente cênico e coreográfico. Há registros de brincadeiras de boi em todas as regiões do Brasil, com as especificidades que dão conformidade diferente a uma mesma expressão cultural cuja denominação pode variar de acordo com o lugar de ocorrência. De acordo com o IPHAN (2011) embora haja grande heterogeneidade na nomenclatura e na forma como são conhecidas as manifestações do bumba-meu-boi no Brasil, existem aspectos análogos que sugerem terem a mesma origem, tendo as distinções sido estabelecidas por um processo de adaptação histórico-geográfica e social, quando determinados elementos foram mais valorizados em detrimento de outros.

Na região Norte, nos Estados do Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia e Roraima é chamado de Boi-Bumbá, festejado no ciclo junino, como no Maranhão, onde recebe os nomes de Bumba-meu-boi, Bumba-boi, Bumba ou simplesmente Boi. A diversidade de denominações é verificada, ainda, nos demais Estados nordestinos. Em geral, nessas unidades da federação, a brincadeira é, também, conhecida por bumba-meu-boi, porém é festa do ciclo natalino, e recebe esta denominação por fazer parte dos folguedos natalinos da região. Contudo, os estudos realizados sobre o folguedo no Brasil identificam outras referências de nomes e ciclos da brincadeira no Nordeste.

Nos Estados da Paraíba e em Pernambuco os folguedos são conhecidos como Boi Calemba e no Ceará como Boi-de-reis, o qual se destaca no período natalino, e Boi-de-São João no ciclo junino. Leite (2003) acrescenta o Rio Grande do Norte como área de ocorrência do Boi Calemba e menciona Cavalinho Marinho como a dança equivalente ao bumba-meu-boi no Estado da Paraíba.

No Sudeste brasileiro aparece em menor escala, se comparado ao Nordeste. O folguedo está mais presente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro durante o carnaval com o nome de Boizinho. Em São Paulo chama-se, ainda, Boi de Jacá e, no Rio de Janeiro, Boi Pintadinho. Boizinho também é o termo pelo qual é conhecido o folguedo natalino no Rio Grande do Sul. Nos estados do Paraná e Santa Catarina é o Boi-de-mamão a brincadeira que dá vida ao artefato dançante que imita a figura do boi, ambos do ciclo natalino. As brincadeiras de boi das regiões Norte, Nordeste e Sul têm em comum relatos históricos de ampla publicação do Século XIX que vão de 1829, no Maranhão, a 1871, em Santa Catarina.

A estrutura de apresentação das manifestações culturais relacionadas ao boi em todo o Brasil inclui um boi-artefato feito de algum tipo de madeira, conforme a região, com chifres e cobertura de pano, animado por um miolo brincante que lhe empresta movimentos, enquanto o folguedo é executado com música, dança e dramatização. Há diversidade de enredos de acordo com o local, sendo uns mais simplórios e outros assumindo maior complexidade na composição das personagens, que no desenrolar da trama a história gira em torno da morte e ressurreição do boi (Iphan, 2011).

Os ritos de renovação natural ligados ao sacrifício do boi também são comuns nos estados do Norte e Nordeste, onde acontece, ainda, o repartimento do boi após sua imolação, com a distribuição da carne e do sangue, celebrando a comunhão dos presentes ao ritual.

Afirma o IPHAN (2011) que um elenco de mais de uma centena de personagens foi identificado nas múltiplas manifestações da cultura popular brasileira que têm o Boi como elemento principal. A partir de um levantamento bibliográfico, com dados do período de 1940 a 2010, foram relacionados cento e cinqüenta personagens encontradas nos Bois de Rondônia, Pará, Amazonas, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Bahia, Alagoas, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Essas informações retratam os folguedos em épocas diferentes e lugares distintos e sua utilidade se resume a dar um panorama geral das brincadeiras no tempo e no espaço, visto que o processo natural de mudanças na cultura popular resulta, muitas vezes, em nova configuração das brincadeiras ou mesmo em seu desaparecimento.

No Piauí, essa manifestação cultural está presente em diversas cidades e a maioria dos grupos pode ser encaixada no que se designa de ‘boi junino’ ou ‘boi de São João’, que é aquele brincado a partir do dia 23 de junho, véspera de São João, quando o boi é batizado e qualificado a estar no mundo. De acordo com Pedrazani “o boi junino é uma festa de muitas etapas, distribuídas ao longo do ano: ensaios, produção do material necessário à realização da brincadeira, batismo, período junino, morte. Essa festa é típica da região de Teresina, Amarante, Parnaíba e de muitas outras cidades piauienses, diria mais, é o boi característico do Piauí.” (2010, p.102).

A cidade de Parnaíba tem por tradição brincar tanto o ‘boi junino’ quanto o ‘boi de dezembro’ ou ‘boi de reis’. Esse último tem suas brincadeiras estreadas na noite de Natal e encerrando-se até o Dia de Reis, em 06 de janeiro.

Dentre as brincadeiras de boi identificadas, o bumba-meu-boi do Piauí, conta com 16 personagens. Existem personagens exclusivas de um único folguedo que não se repetem nos demais e outras recorrentes em vários Estados. Dessas, muitas aparecem com nomes diferentes de uma região para outra, porém com a mesma função. É o caso da burrinha, às vezes izabelinha ou zabelinha. Em maior número de ocorrência pelo Brasil há o Pai Francisco, correspondente ao Mateus em alguns estados; a Catirina que pode aparecer como Catarina; os vaqueiros; o doutor, curador ou pajé, cujas atividades têm alguma correlação no auto; e o amo, que pode ser também o dono da fazenda e do boi (Iphan, 2011).

A trama da festa do bumba-meu-boi, ainda que com variantes, trata da história de um fazendeiro que tinha apreço especial por um boi. Em sua propriedade trabalhava Pai Chico, ou Negro/Nego Chico, casado com Catirina, além de outros escravos e agregados. Ao passo da história, Catirina fica grávida e sente um incontrolável desejo de comer língua de boi, mas não de qualquer animal, e sim do boi preferido do senhor da fazenda (também chamado de Amo). Negro Chico decide roubar o boi para saciar o desejo da sua mulher. Quando o fazendeiro percebe o sumiço do seu boi preferido e do Negro Chico, ordena aos vaqueiros que procurem e não retornem sem o homem e o animal. Porém, os vaqueiros nada encontram. O senhor da fazenda pede, então, auxílio para os índios e os índios conseguem encontrar o Negro Chico e o boi – a essa altura adoecido, e os levam até a presença do fazendeiro, que interroga Chico e descobre a razão pela qual ele havia capturado o seu boi. Os pajés são então chamados para reanimar o animal e, após diversas tentativas, conseguem curá-lo, que se ergue e inicia uma alegre e majestosa dança. Diante do feito, o Amo perdoa o Negro Chico e tudo acaba em festa. Em certas versões, o boi morre e é ressuscitado. A encenação dessa história é cômica. Catirina, por exemplo, é sempre ‘interpretada’ por um homem transvestido de mulher, com roupas, pinturas, acessórios, peruca.

Uma das características do Bumba-meu-boi em Parnaíba é a transformação de elementos da realidade em alimento para a brincadeira, reatualizando-a anualmente e mantendo-a viva. As toadas, autos, comédias e performances são modos do Bumba-meu-boi comunicar sua versão dos acontecimentos da atualidade. Dessa forma, são temas recorrentes nas toadas fatos políticos em evidência, ecologia, questões sociais, mitos e lendas, dentre outros. Tal fato evidencia-se ano a ano nas apresentações ao longo do São João da Parnaíba, festival promovido pela gestão pública municipal, onde os grupos culturais se apresentam e concorrem entre si pelo título e, tão importante quanto, pelo valor em dinheiro que é dado aos campeões, através do qual podem ser recuperados os investimentos feitos ao longo dos meses.

O Piauí possui diversos grupos que representam essa manifestação, no entanto será dada ênfase ao grupo cultural Boi Flor do Lírio, cuja história está descrita no tópico a seguir.

O Grupo Cultural Boi Flor do Lírio

Parnaíba é uma cidade do litoral do Estado do Piauí, região Nordeste do Brasil. Possui uma área territorial de 972 Km² e dista 318 km da capital Teresina. Com uma população de aproximadamente 150.000 habitantes (IBGE, 2015), é um dos mais importantes pólos turísticos do estado. Conta com a presença marcante de manifestações culturais expressando a identidade da população através da demonstração de atrações folclóricas, como por exemplo, as quadrilhas e os grupos de bumba-meu-boi. A Sociedade Bois de Parnaíba é uma entidade onde estão filiados quase 20 grupos de bumba-meu-boi dos mais diversos bairros de Parnaíba. A entidade foi fundada em 2006

por alguns grupos e tinha como presidente à época o ‘culturista’ Benjamim Santos, popularmente conhecido por ‘Bem Bem’.

A Sociedade de Bois é uma entidade sem fins lucrativos e que ajuda na manutenção da cultura na cidade, especificamente o bumba-meu-boi. Sem fontes de renda, a entidade sobrevive de patrocínios do município. Dentre os bois filiados à Sociedade de Bois de Parnaíba, destacam-se o Boi Flor do Lírio, Rei da Boiada, Novo Fazendinha da Ilha Grande de Santa Isabel, Estrela Cadente, Estrela Mandacaru, o Precioso do bairro Piauí, entre outros.

O grupo cultural Boi Flor do Lírio foi fundado em 01 de maio de 2005 e é composto atualmente por: um presidente e um vice-presidente, um tesoureiro, um diretor de eventos e um diretor geral. Entre participantes e brincantes do Boi Flor do Lírio tem-se um total de 144 brincantes, incluindo os seguintes personagens: caboclos reais, boieiros, vaqueiros adultos e mirins, maroquinhas, sinhazinha, tamborzeiros, roncadeira, faca, porta estandarte, pajé, cacique, índia cunha Poranga, rainha do Folclore, índias adultas e mirins, índio tupinambá, burrinha, Catirina, Nego Chico, Gregório e Cabeça de Lata.

De acordo com a diretora do grupo, o Boi Flor do Lírio iniciou suas atividades em 2005 a partir do seu interesse, juntamente com seu esposo, em virtude de ambos terem participado de outros bois em anos anteriores e por compreenderem a importância dessa manifestação para os habitantes do bairro São José. A brincadeira, como eles chamam, mostra-se como um elemento de coesão entre os participantes e a comunidade, fazendo com que laços de pertencimento sejam formados e despertando o interesse dos mais diversos públicos, ainda que não participem ativamente das atividades realizadas pelo grupo.

Dentre os 144 brincantes e outros tantos envolvidos na confecção, organização e demais atividades, percebe-se que dos mais novos integrantes aos mais antigos, o sentimento que os motivou a ingressar e permanecer no grupo se assemelha. Palavras como admiração, comunhão, amizade são comuns nos discursos sobre o que os impele a brincar e a envolver-se com as ações realizadas ao longo dos meses. Dos participantes entrevistados, alguns foram influenciados pelo convite de amigos que já faziam parte da brincadeira, outros porque cresceram vendo a brincadeira dentro do bairro e se sentiram chamados a participar. Percebe-se a importância do sentimento de pertença à comunidade posto que muitos integrantes acompanham o grupo há 10 anos e seu interesse nasce juntamente com a compreensão de que tais laços são necessários e importantes para que o bairro possa se afirmar e reafirmar perante a diversidade cultural existente na cidade. Mas não só isso: a importância da manutenção do grupo reside ainda na transmissão de tais valores para as próximas gerações.

A UNESCO define que, o patrimônio é o legado que recebemos do passado, vivemos no presente e transmitimos às futuras gerações. Assim, vê-se a maneira como a cultura é um fator que pode ser transmitido entre os indivíduos dentro de um mesmo grupo e que o patrimônio cultural vem a ser uma marca deixada pelos antepassados e praticada ao longo das futuras gerações. E essa herança cultural adquirida torna-se fonte significativa acerca da história de um povo, tal como se evidencia pelos relatos dos entrevistados

quanto à preservação de sua identidade cultural manifesta através do bumba-meu-boi: “É importante preservar porque o bumba-meu-boi é motivo de inspiração às atividades culturais”; “Não pode acabar porque é uma cultura que vem de geração em geração”; “Precisa ser preservado porque o grupo cultural Flor do Lírio é a única animação do meu bairro”; “A preservação do nosso Boi é importante para a cultura e também para atrair turistas para a nossa cidade.”

Percebe-se que são diferentes as intenções, apesar de dialogarem entre si. Portanto, os participantes do grupo Flor do Lírio conseguem compreender a importância de se manter tais práticas culturais por diversos motivos, principalmente porque, como afirma a diretora, “se as mesmas chegarem a acabar, vão interferir na identidade do grupo, vai faltar algo na história de vida e transformação de costumes do meu povo”. Como descrito por Barreto (2001, p.104):

a manutenção e recuperação do legado cultural fazem parte de um processo maior, que é a conservação e a recuperação da memória, graças à qual os povos mantêm sua identidade. Monumentos e prédios históricos, danças e culinária, ditados populares e cerimônias mantêm a continuidade cultural, são o nexo dos povos e do seu passado.

Segundo a entrevistada citada no tópico anterior, ela afirma que desde mais jovem tem um apreço e uma certa identificação com a brincadeira de bumba-meu-boi e que para sua família tal manifestação faz parte da vida deles. Em função desse vínculo, sua atenção é para o Boi Flor do Lírio durante todo o ano com os preparativos das atividades, ao que se pode inferir que é realizador ter a sua família envolvida no mesmo ramo, tal como ressaltado no depoimento a seguir:

Nós bota (sic) o boi porque eu gosto mesmo, eu gosto, mas...dá trabalho, gasta. E o gasto das confecções das fantasias, tudo é eu. E é assim, índias, outras coisas, tudo é eu, só que as minhas roupas, dos meninos que dança no cordão, a maioria dos homens que é calça, camisa, eu desenho né, e eu tenho minha costureira, aí ela faz a roupa, quando a roupa chega aí eu vou decorar, é decorada todinha. Ela só faz a roupa e a decoração é minha! Das índias, é minha filha que faz... eu e ela. Ela desenha. Meus netos ainda não gostam, acho que porque são muito pequenos, mas acho que quando entenderem melhor as coisas, vão gostar, porque já nasceram vendo essa brincadeira.

Além disso, ela ainda conta que seu marido e vice-diretor, é o Amo do boi (expressão que no bumba-meu-boi significa o dono do boi) e também autor das toadas de todos os anos, cantando inclusive junto ao grupo.

Assim, tem-se que a percepção de como o modo de viver em comunidade traz uma transmissão natural de crenças e costumes aos indivíduos presentes naquele meio. Mesmo sem ser intencional, as práticas culturais tornam-se identidade para um povo, onde esta está presente durante anos na memória dos seres ali presentes e sua prática é reiterada.

Buscou-se questionar sobre a importância de preservar uma atividade cultural dentro de um grupo, pois preservá-la é tão importante quanto dar continuidade a sua prática, de

forma a manter a história sempre viva, de mostrar um motivo da construção de uma nova civilização, de perceber os processos de mudança ao longo do tempo. Assim, em relação à opinião dos brincantes do Boi Flor do Lírio sobre a relevância da preservação das manifestações culturais, destacam-se as considerações: “Para que o nosso grupo cresça mais e mais unido e divertido”; “Porque se os grupos culturais acabarem, não vão ter mais atividades culturais e festivas”; “É importante para fortalecer a nossa cultura, dentro do nosso grupo, do nosso bairro”; e “É importante porque dá motivos de inspiração à nossa comunidade.”

Interessante refletir acerca de tais depoimentos, pois são opiniões de brincantes entre 09 e 14 anos. No bairro São José, crianças e adolescentes envolvem-se com o boi e com as atividades do grupo de maneira direta ou indireta, pois lhes causa curiosidade e admiração visto o envolvimento de amigos, familiares ou conhecidos. Assim, são convidados a participar ou procuram o grupo por vontade própria. Tal comportamento reveste-se de importância, pois a assimilação dos passos e movimentos de dança, a imitação das batidas dos instrumentos, o cantarolar das toadas vão aos poucos sendo aprendidos pelos brincantes mirins, criando um ambiente de difusão da manifestação cultural associado aos valores, comportamentos e relações cotidianas daquela coletividade. Ao vivenciar o bumba-meu-boi desde pequena, a criança vai estabelecendo a sua identidade, a representação de si e do mundo que a rodeia.

Compreende-se que os brincantes desejam manter com mais intensidade no decorrer dos anos sua prática cultural, que a mesma traz alegria, diversão e união entre os membros da comunidade. O sentimento de orgulho, de pertença, é demonstrado e reforça a necessidade de se perpetuar a transmissão desses valores para as próximas gerações, resguardando esse patrimônio imaterial da cidade. Cada grupo ou comunidade reconhece as suas manifestações culturais como forma de caracterização do seu povo, de maneira a serem identificados perante as diversidades culturais existentes ao redor do país e do mundo.

Apesar da importância reconhecida pelos membros e comunidade sobre a manutenção desta manifestação e do envolvimento da comunidade nas atividades do grupo, algumas dificuldades são encontradas para que essa memória seja perpetuada. O bairro onde o grupo se localiza apresenta um histórico de envolvimento dos seus jovens com drogas, o que ocasiona a dispersão destes jovens quanto aos costumes. Tais fatores são citados pela coordenadora do grupo como um dos principais problemas enfrentados.

Aliado a isso, a escassez de materiais necessários para a confecção das roupas dos brincantes também afeta o grupo, posto que a cidade de Parnaíba fica distante dos principais pólos de negócios onde tais materiais podem ser encontrados em variedade e preços competitivos, tais como a capital Teresina e Fortaleza, capital do Ceará.

Alguns problemas como a falta de infraestrutura para ensaios e encontros, bem como ausência de um meio de transporte que possa facilitar a participação do grupo em festivais ou atender aos convites para que se apresentem em outras localidades também foram relatados:

Já fomos para outros locais. Já fomos pro interior, já fomos pra Teresina. Mas, às vezes a gente não sai muito assim pra viagem, por causa da dificuldade de transporte, que nós não temos. Aí quando a gente pede um cachê pro boi, claro e evidente a gente também tem que pedir um transporte, e o transporte tem que ser pro dono da brincadeira e por conta de quem quer levar a brincadeira pra se apresentar, não é por nossa conta, porque você sabe, você tá vendo as nossas condições. A gente bota o boi pra se apresentar por que é uma coisa que eu gosto muito, gosto muito mesmo, mas dá trabalho e gasta.

Como o grupo não possui recursos financeiros suficientes para conseguir desenvolver todas as atividades em um local apropriado, questionou-se acerca das fontes de apoio ou patrocínio para o Flor do Lírio, tendo em vista que o grupo já sagrou-se diversas vezes campeão no festival da cidade, ganhando visibilidade e reconhecimento em outras localidades inclusive. Averiguou-se, assim, que o grupo se mantém, principalmente, com o auxílio dos coordenadores, os quais se encarregam de fazer as fantasias para os seus componentes do grupo e, juntamente com outros participantes, organizam o espaço para os ensaios e providenciam a estrutura necessária.

Em meio às dificuldades, constatou-se um aspecto relevante presente na cultura e nas comunidades que tem o bumba-meu-boi como manifestação cultural: a prática religiosa. Durante a entrevista, a diretora do grupo cita muitas vezes que, em meio às dificuldades, a crença religiosa lhe dá forças pra levar em frente o Boi Flor do Lírio e a fé em Deus é seu alicerce de fortaleza. A religiosidade presente é reforçada pela essência do bumba-meu-boi, vinculada aos santos, em especial São João.

O Boi Flor do Lírio e suas Possíveis Relações com o Turismo

O turismo entendido como um dos principais fatores do trânsito ou da mobilidade humana configura-se como uma atividade marcadamente cultural, impulsionado pelo desejo dos grupos sociais em vivenciar experiências diferenciadoras de seu cotidiano, projetando, dessa forma, o patrimônio cultural como instrumento mediador de aprendizagem e educação (Costa, 2009).

Em outras palavras, o turismo cultural proporciona o conhecimento e a valorização de bens culturais além de estimular ações de conservação, aproximando a comunidade de seus lugares de memória e representações tradicionais. O contato entre a cultura da comunidade receptora com um grupo social diferente pode vir a engrandecer a manifestação de pertencimento por tais costumes, ao mesmo tempo em que pode proporcionar desenvolvimento local.

De acordo com a Organização Mundial do Turismo, o turismo cultural é um movimento de pessoas em busca de motivações essencialmente culturais, tais como excursões de estudo, teatralizações e excursões culturais, viagens para festivais e outros eventos culturais, visita a localidades e monumentos, viagens para estudar a natureza, folclore ou arte e peregrinações. O turismo cultural aparece, portanto, como uma vertente que dá sentido ao uso do patrimônio atribuindo-lhe, dentre outras coisas, um

valor econômico, transformando os bens, produto do esforço humano, em mercadoria e proporcionando desenvolvimento às localidades. Esse segmento do turismo visa alargar os horizontes deste turista que procura conhecimentos e emoções através da descoberta de um patrimônio e do seu território. São diversas as áreas que podem ser exploradas através do turismo cultural, a saber: história, religião, gastronomia, artesanato, arte, desporto, termalismo, eventos, agricultura, dentre outras (Mendes, 2009).

Este segmento baseia-se na produção material e espiritual de uma comunidade, ou seja, transita em torno dos patrimônios culturais apropriados e recriados na dinâmica social, por meio da formatação de roteiros, produtos e atrações. Existe uma relação intrínseca entre turismo, memória e patrimônio cultural, na medida em que os valores simbólicos, as relações identitárias, a vivência cotidiana e festiva dos grupos sociais apresentam-se como importantes recursos ou atrativos a serem transformados em produtos turísticos. Paralelamente, o turismo é identificado como suscitador do sentimento de pertença da comunidade em relação ao seu patrimônio, estimulando a conservação da memória e da identidade cultural (Barretto, 2001).

O turismo cultural proporciona experiências de valorização dos bens culturais além de estimular ações de preservação patrimonial, aproximando a comunidade de seus lugares de memória e manifestações tradicionais. O intercâmbio sócioeducativo entre os diferentes grupos sociais enriquece a vivência cotidiana, produzindo laços de significação e pertencimento cultural, ao mesmo tempo em que a atividade turística contribui para o desenvolvimento socioeconômico local (Carvalho, 2011).

O bumba-meu-boi em Parnaíba ainda não é reconhecido pelos agentes promotores da atividade turística como um atrativo, apesar de seu potencial e do entendimento da importância dessa manifestação como identidade cultural da localidade. A coordenadora do grupo Boi Flor do Lírio ressalta: “Difícilmente a gente recebe visitantes de outros locais aqui nos nossos ensaios, a época que aparece gente de fora é mais no tempo de festa junina, que a gente se apresenta, mas em outra época não”. A visita nesse período específico justifica-se porque as festas juninas são marcadas por feriados e também pelo período de férias escolares, o que ocasiona o aumento do fluxo de visitantes à cidade e, conseqüentemente, aos eventos que ocorrem em Parnaíba.

Acerca do potencial do bumba-meu-boi como atrativo que possibilite o desenvolvimento do turismo cultural e o intercâmbio entre as culturas, alguns brincantes opinam: “Eu acho que tem potencial sim, porque com o turismo, muitas culturas diferentes podem se encontrar e participar umas das outras”; “A cultura é importante para o turismo, porque a gente tem que mostrar o que sabemos fazer, a nossa cultura, o nosso boi, para as pessoas de fora e para que elas falem pra as outras virem conhecer também”; “A cultura é importante na prática do turismo para que as pessoas possam mostrar o que seu grupo faz e fazer os turistas voltarem e gostarem do que vêem”.

Dentre os diversos benefícios que a inserção do bumba-meu-boi nos roteiros turísticos de Parnaíba, alguns são citados pelos membros do grupo, tais como o reconhecimento à comunidade, a atração de um público maior e mais diversificado às atividades realizadas pelo grupo, o crescimento do grupo e a possibilidade de serem

mais conhecidos juntamente com o convite para que pudessem se apresentar em outros locais.

Apesar de todos os benefícios e vantagens apontados por autores e entrevistados, devem-se levar em consideração algumas reflexões. Diversos autores (Barbosa, 2006; Santana, 2009) discutem os efeitos nem sempre benéficos às comunidades receptoras, resultantes do desenvolvimento turístico em diversas localidades. Diante da valorização dos lugares de memória surgem implicações no que se refere à transformação do patrimônio referência em patrimônio recurso (Arantes, 1999), ou seja, à distinção que se opera entre o valor de uso do patrimônio e seu valor de troca. Segundo o mesmo autor, na denominada “economia simbólica do patrimônio” ocorre uma distinção entre o valor do bem patrimonial como símbolo, isto é, o conjunto de referências e sentidos enraizados na vida coletiva, e como alegoria, vinculados ao prazer estético e lúdico proporcionado pelo turismo.

Considerações Finais

O bumba-meu-boi, manifestação típica do folclore brasileiro, se apresenta, se reinventa e se constrói no Brasil dentre as manifestações culturais populares mais difundidas, recebendo formas, designações e características que variam segundo estilos de cada região. Alguns reclamam para si sua propriedade, outros os legitimam como marco da sua identidade.

A identidade transmite-se e reforça-se através da memória, quer individual, quer coletiva. Ora o patrimônio cultural, por meio dos testemunhos que o integram, constitui alicerce fundamental da memória. A sua fácil observação – pois grande parte dele encontra-se à nossa volta e faz parte da civilização material e do próprio cotidiano – e as recordações que invoca transformam-no num elemento que poderíamos classificar como que estruturante da própria identidade.

Assim, a identidade de uma comunidade é definida não só pelos eventos com ela relacionados, como também pelas atividades nela exercidas, pelo contato com outras comunidades, pelo viver das populações, por sua gastronomia e vestiário, por suas festas populares e pela ação dos seus membros.

Desta forma, averiguou-se a importância que o bumba-meu-boi tem para o grupo cultural boi Flor do Lírio enquanto identidade e patrimônio. Apesar das dificuldades elencadas, percebe-se o sentimento de pertença e orgulho por suas raízes, bem como o entendimento sobre a manutenção da sua identidade para transmiti-la às futuras gerações.

Destaca-se nesse ínterim o seu potencial como atrativo turístico para a cidade de Parnaíba, ainda que os responsáveis pelo desenvolvimento da atividade não tenham inserido essa manifestação nos seus roteiros. Tal posicionamento deve ser repensado pois, mesmo não sendo suficientemente contemplado pelos operadores e responsáveis pelo turismo local, o desenvolvimento do turismo cultural é manifesto e tudo leva a crer que continuará em alta nos próximos tempos, como afirma Mendes (2009). Contribuem

para isso o aumento do nível cultural, da escolaridade e da exigência das populações e o crescimento da longevidade e a melhoria do respectivo nível de vida.

Recomenda-se que sejam feitos estudos futuros que contemplem aspectos relacionados aos outros grupos culturais da cidade de Parnaíba a fim de que a identidade cultural do município possa ser (re)afirmada por seus cidadãos e, conseqüentemente, valorizada pelos seus moradores e visitantes. Igualmente necessária a inserção das atividades do grupo Flor do Lírio, bem como dos demais grupos, nos calendários de eventos oficiais da região, incentivando o diálogo com outras manifestações culturais dos municípios vizinhos, a fim de que se possa ampliar a oferta de eventos aliada ao desenvolvimento da atividade turística, com o intuito de fomentar a visitaçao principalmente em períodos de baixa estação. Parcerias com agências de viagens, meios de hospedagens e restaurantes são importantes, para que se possa agregar valor ao produto que é ofertado, aliando essa experiência à recepção do visitante. Por fim, refletir acerca do potencial do bumba-meu-boi enquanto elemento constitutivo de projetos centrados na educação patrimonial também se apresenta como uma das sugestões para trabalhos futuros.

A preservação do patrimônio se revela importante para a atividade turística, pois não se pode pensar em potencializar o turismo em local que é descrente de si mesmo, que não tem orgulho pelo que tem e pelo que é. Mas, acima da atividade turística, os esforços envidados por pesquisas e registros devem ter como fundamento principal a (re)apropriação de um povo pelo que é seu, pelo que o representa e o define. Afinal, um poema quéchua já afirmava: “no amas lo que no conoces, no defiendes lo que no amas”.

Referências

- Arantes, A. A. (1999). *O que é cultura popular*. São Paulo: Brasiliense.
- Barbosa, E. L. (2006). *Valeu boi!: O negócio da vaquejada*. Teresina: Edufpi.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barreto, M. (2001). *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. Papyrus Editora.
- Batista, C. M. (2005). Memória e identidade: Aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural. *Caderno Virtual de Turismo*, 5(3), 27-33.
- Bolle, W. (2003). *Patrimônio cultural e identidades*. São Paulo: Roca.
- Canclini, N. (1999). *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras.
- Carvalho, K. D. (2011). *Lugar de memória e políticas públicas de preservação do patrimônio: Interfaces com o turismo cultural*. Bahia.
- Cascudo, L. C. (1984). *Vaqueiros e cantadores*. São Paulo: Ed. da USP.
- Commelin, P. (2011). *Mitologia grega e romana*. São Paulo: WMF.
- Costa, F. R. (2009). *Turismo e patrimônio cultural*. São Paulo: SENAC.
- Dias, R. (2006). *Turismo e patrimônio cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades*. São Paulo: Saraiva.

- Gil, A. C. (2008) *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6^a. ed.). São Paulo: Atlas.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Ibge. *Censo 2010*. Retirado de <http://ibge.gov.br> (2016.01.24; 16h30).
- Iphan. (2011) *Dossiê do registro do Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão*. Retirado de <http://portal.iphan.gov.br> (2015.12.20; 11h).
- Kauark, F. S., Manhães, F. C & Medeiros, C. H. (2010). *Metodologia da pesquisa: guia prático*. Itabuna: Via Litterarum.
- Lakatos, E. M. & Marconi, M. A. (2003). *Fundamentos de metodologia científica* (5^a. ed.). São Paulo: Atlas.
- Le Goff, J. (1996). *História e memória* (3^a.ed.). Campinas: Unicamp.
- Leite, J. D. A. (2003). *Um teatro da morte: Transfiguração poética do bumba-meu-boi e desvelamento sociocultural na dramaturgia de Joaquim Cardozo*. Recife: Fundação de Cultura Cidade.
- Mendes, J. A. (2009). *Estudos do património: Museus e educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Meneses, J. N. C. (2006). *História & turismo cultural*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Neves, B. A. de C. (2003). Patrimônio cultural e identidades. In C. Martins, *Turismo, cultura e identidade*. São Paulo: Roca.
- Pedrazani, V. (2010). *No "miolo" da festa: Um estudo sobre o bumba-meu-boi do Piauí*.
Tese de Doutorado em História Social apresentada na Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia.
- Pedroso. S. F. (1999). *A carga cultural compartilhada: A passagem para a interculturalidade no ensino de português língua estrangeira*. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade Estadual de Campinas.
- Pereira, J. B. B. (1981). Estudos antropológicos e sociológicos sobre o negro no Brasil. Aspectos históricos e tendências atuais. In *Contribuições à Antropologia em homenagem ao professor Egon Schaden*. 4. São Paulo: Universidade de São Paulo, 193-206.
- Pereira da Costa, F. A. (1974). *Folk-Lore pernambucano*. Recife: Arquivo Público Estadual.
- Porto, C. E. (1975). *Roteiro do Piauí*. Teresina: COMEPI.
- Santana, A. (2009). *Antropologia y turismo*. Barcelona: Ariel.
- Santos, J. L. (2005). *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- Silva, K. V. & Silva, M. H. (2006). *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto.
- Sousa, B. J. (1958). *Ciclo do carro de bois no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

Unesco. *Patrimônio cultural no Brasil*. Retirado de <http://www.unesco.org> (2015.12.21; 13h43).

Wehling, A. (2003). As estratégias da memória social. *Brasilis: Revista de História Sem Fronteiras*. Rio de Janeiro: Editora Atlântida.